



POLÍTICA OPERÁRIA

Todo apoio à greve dos petroleiros

A greve nacional dos petroleiros vem se fortalecendo. A Federação Única dos Petroleiros (FUP) informou que 91 unidades do sistema Petrobras estão em greve, em 13 estados. Cresce a disposição de luta diante da posição inflexível do governo e do presidente da Petrobras.

O governo, a Justiça e os meios de comunicação têm imposto um silêncio para que a greve não ganhe apoio da população, que não suporta tanto desemprego e subemprego. O governo teme que a nossa luta acabe se voltando contra a reforma trabalhista, a terceirização e a reforma da previdência.

É preciso, assim, fortalecer a greve nas unida-

des onde existem a pressão dos “fura-greve” e a repressão governamental. A vitória de nossa greve abre caminho para os trabalhadores derrubarem a política antioperária e antinacional do governo Bolsonaro. Abre caminho para organizar a luta contra as demissões, a terceirização e o rebaixamento dos salários.

Companheiros petroleiros, nossa greve tem enorme valor para nós mesmos e para a classe operária como um todo.

O Boletim Nossa Classe se empenha para que a greve se fortaleça e ganhe apoio da maioria explorada do País.

Que as centrais e sindicatos chamem os trabalhadores a lutar em defesa da greve

O governo Bolsonaro, o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, e o ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST), Ives Gandra Martins Filho, estão unidos para derrotar a greve dos petroleiros. Os meios utilizados são o do cerco policial, aplicação de multas milionárias aos sindicatos, contratação de “fura-greve” e ameaças de demissão.

Se os grevistas acatassem a determinação de Ives Gandra, 90% dos operários teriam de manter o funcionamento da produção. Simplesmente, acabaria com a greve. Essas autoridades governamentais se valem de todos os recursos para

que a paralisação da produção não seja efetiva.

Sabemos que uma greve parcial não sai vencedora. É preciso determinação das direções sindicais e dos trabalhadores de paralisarem a produção a ponto de afetar os interesses econômicos da burguesia. Se o presidente da Petrobras autorizou a contratação de “fura-greve” e se alguns de nossos companheiros se mostram fracos, insistindo em entrar nas unidades, devemos montar **piquetes** massivos.

A vitória depende de nossa força e resistência diante dos ataques do governo e demais autoridades. Em nossas assembleias e manifes-

tações, devemos exigir que as CUT, Força Sindical, CTB e Conlutas convoquem imediatamente manifestações de rua em apoio à greve dos petroleiros. A greve para vencer precisa ganhar as ruas, como fizeram os trabalhadores na França, Chile, Colômbia e em outros lugares. É com a greve unitária e mobilização de rua que vamos vencer.

O Boletim Nossa Classe se solidariza com a greve dos petroleiros. Defende a organização dos piquetes contra os “fura-greve”. Chama as centrais e sindicatos de todas as categorias a convocar seus trabalhadores a apoiar os petroleiros.

Em defesa do direito de greve

O Tribunal Superior do Trabalho autorizou a Petrobras a combater a greve com o que se denomina “contratação emergencial”. Esse ataque ao movimento dos petroleiros mostra que a greve está forte. É preciso fazer uma campanha pelo direito de greve.

No Brasil, não temos o direito de greve. A legislação criminaliza a greve. A justiça impõe multas milionárias aos sindicatos. Bloqueia suas contas bancárias. A polícia é acionada imediatamente para proteger o patronato.

Geralmente, as direções sindicais acatam a lei de greve, de 1989. Dizem que querem uma greve “legal”. Ocorre que a legalidade significa se curvar diante de uma lei que impede o verdadeiro direito de greve dos trabalhadores.

Uma greve é uma decisão de força coletiva dos assalariados, que não suportam as duras condições de exploração e as demissões. Esse é a causa de quase todas as greves. No caso dos petroleiros, a luta começou

contra o fechamento da Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados do Paraná (Fafen-PR) e o não cumprimento do Acordo Coletivo de Trabalho. No entanto, essa luta é mais ampla: é contra a privatização da Petrobras e a desnacionalização do Pré-Sal.

Está aí por que o governo Bolsonaro se empenha em quebrar o nosso movimento já no nascedouro. A justiça exige que a produção continue a todo o vapor. Como os petroleiros estão firmes na greve, os diretores da Petrobras decidiram pela “contratação emergencial”. Querem pressionar os companheiros mais fracos e também as direções sindicais. Nossa firmeza é a condição para derrotar esse ataque do governo. Como se vê, é uma luta de duas forças: de um lado, a burguesia e seu governo; e de outro, a classe operária.

O Boletim Nossa Classe defende que em todas as unidades do sistema Petrobras se levante a bandeira “Abaixo a lei de greve 7.783!”. Defesa total direito de greve.

NÃO AO FECHAMENTO DA FAFEN-PR

A desativação da Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados de Araucária, no Paraná, resulta em destruição de 1000 empregos. Essa medida favorece as multinacionais e prejudica a economia nacional.

Estão nos cálculos do ministro Paulo Guedes e do presidente da Petrobras o desmembramento do sistema Petrobras, a privatização e o fechamento de unidades que não interessarem aos capitalistas. Pouco importa se milhares de petroleiros perderem seus empregos. As demissões e a redução salarial já vêm ocorrendo há algum tempo. Essa é forma do governo preparar as condições para as privatizações.

É muito importante a união de todos os trabalhadores para evitar o fechamento da Fafen. Há pouco tempo, a Ford fechou sua unidade em São Bernardo do Campo e, assim, destruiu 4000 empregos. A direção do sindicato fez corpo-mole e ajudou a empresa a fechar a fábrica sem que houvesse luta. O Boletim Nossa Classe esteve presente no movimento da Ford e defendeu a ocupação da fábrica e organização de um movimento geral da classe operária. Agora é a vez da Fafen. Ou lutamos para derrotar o governo, ou mais uma vez a burguesia destruirá postos de trabalho, que nunca mais voltarão.

O Boletim Nossa Classe defende: 1) ocupação da Fafen; 2) que os petroleiros, em todos os estados, mantenham a greve para impedir o fechamento da fábrica; 3) que as centrais sindicais façam uma campanha nos bairros, escolas, ruas e em todas as fábricas em defesa da Fafen e da greve dos petroleiros.

Em defesa do monopólio nacional do petróleo

Desde o governo de Fernando Henrique Cardoso, o monopólio do petróleo foi quebrado. De lá para cá, os governos do PT não foram capazes de restabelecer o monopólio criado em 1953. O governo Temer avançou a privatização e a entrega do pré-sal. Agora, o governo Bolsonaro está fazendo a liquidação final. No passado, foram privatizadas a indústria siderúrgica, telefonia, portos, aeroportos, etc. Hoje, estão na lista de Bolsonaro, a Eletrobras, os Correios, Casa do Moeda, etc. A Petrobras desperta o maior interesse nas petrolíferas internacionais. O petróleo continua sendo a energia mais importante mundialmente.

A quebra do monopólio da Petrobras e das reservas petrolíferas fortalece a presença das multinacionais e enfraquece a capacidade da economia nacional diante do imperialismo saqueador. Como se vê, os petroleiros têm em suas mãos não somente a luta pelos empregos, pela jornada de trabalho e salários, mas também a luta contra a privatização e desnacionalização.

O Boletim Nossa Classe defende que a greve, a FUP, a FNP e as centrais levantem a bandeira de reestatização, sem indenização, de tudo que pertenceu ao patrimônio nacional. E pelo monopólio do petróleo. Que formem uma frente única anti-imperialista. A união da classe operária e demais oprimidos contra o saque imperialista das riquezas nacionais é o caminho para derrotar o plano entreguista de Bolsonaro.